

À Biblioteca Pública de

Braga

TRIBUNA LIVRE**23
JUNHO
1962****SEMANARIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES**

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 — **AMARES****Dr. Eduardo Gonçalves Quem pergunta... quer saber**

Apenas com dois anos de exercício, deixou o cargo de Presidente da Câmara Municipal de Amares, o grande amarense, Dr. Eduardo Gonçalves, tendo nos últimos 30 anos servido o concelho por duas vezes na Presidência da Câmara, e a política do Estado Novo, pois entre esses dois mandatos foi sempre vogal e Presidente da Comissão C. da União Nacional, a quem serviu com a moderação e seriedade que, sempre e em todas as circunstâncias, pôs em todos os actos de homem público, e que sempre seriam de desejar; ele fica ligado ao concelho e à sua história como o maior realizador de todos os tempos, pois a sua obra é de tal vulto que dilue tudo o que 3 presidentes em quatro mandatos fizeram nos 20 anos de interregno.

De tal maneira serviu o concelho que tudo o que existe de real valor em realizações camarárias, é obra sua. Citaremos, por dever de gratidão para quem tanto fez

e tanto sofreu pelo concelho, as principais:

1.º mandato—Electrificação do concelho que agora ia concluir; distribuição de águas ao domicílio da Feira Nova, a tubo de aço, obra que hoje custaria cerca de



Dr. Eduardo Gonçalves

1.000 contos; arborização e arruamentos do Largo Dr. Oliveira Salazar; jardim e Monumento a D. Gualdim Pais em Amares; Plano de Urbanização cuja área definiu;

2.º mandato—Monumento a Sá de Miranda

(em construção) 90 contos; Remodelação da linha eléctrica de Barreiros, 120 contos; cabine, remodelação e ampliação da linha eléctrica de Lago, 280 contos; construção de, pequenos ramais que somam quilómetros de linha e reforço de Carrazedo; Estrada de Rendufe à Ponte da Loureira, 260 contos; Construção das escolas de Ferreiros e Besteiros, 400 contos, além de outras que estão em construção; arruamentos na parte nova da Vila, 380 contos (em construção); estrada de Prozelos (em

Continua na 3.ª página

Eu escrevo, tu escreves, ele escreve...

Sim, todos nós, escrevemos, usando um meio magnífico e insubstituível de nos pormos em contacto com outrem.

Magnífico porque quem escreve pode ponderar o que diz; insubstituível porque as distâncias nos inibem de usar a viva voz na transmissão de missivas a pessoas ou entidades distantes.

Quem escreve, fá-lo por motivos e imperativos vários: ou saúda, ou inquire, ou informa, ou louva, ou profliga, ou impetra, ou anui, ou discorda. Transmite ao papel

algo do próprio sentir e há cartas que valem uma vida, que poderão resolver uma situação difícil ou um problema grave e angustiante; que implicam absolvição de um inocente ou o castigo de um criminoso; que são mensageiras da derradeira esperança de quem, abandonado por todos, tenta conseguir daqueles que podem, o quinhão de justiça que lhe assiste.

Todas as cartas deveriam,

(Continua na 4.ª página)

Vai ser nomeado presidente da Câmara de Amares o sr. CARLOS MALHEIRO

o Diário do Governo vai ser nomeado presidente da Câmara do nosso concelho o sr. **CARLOS MALHEIRO**, em substituição do sr. Dr. Eduardo Gonçalves que pediu a exoneração daquele cargo.

Sob a presidência do sr. dr. Eduardo Gonçalves a nossa Câmara vinha realizando uma obra notável, em pleno desenvolvimento, sendo justo ter como certo que o novo titular tudo há-de fazer para continuar essa obra de recuperação de que o Concelho tanto precisa.

ENTRE O OCEANO**E O COLOSSO INDIANO**

Embora em Goa não houvesse grandes episódios de resistência a assinalar, não se pode, todavia, a bem da verdade, deixar passar em claro o estoicismo dos pequenos núcleos de resistência e os heroísmos individuais dos soldados portugueses. Muitos deles, ignorando a rendição oficial, mantiveram aceso o tiroteio com os destacamentos indianos. Em Angediva, um punhado de homens, completamente isolados naquela pequena ilha, mais próxima da costa

indiana do que de Goa, repeliu durante horas as arremetidas do inimigo. E ainda dias depois da tomada de Goa pelos indianos soldados portugueses, internados nas aldeias e nos montes, continuavam com a sua guerra individual.

A derrocada de Goa parece ter criado má impressão em determinados meios acerca do soldado português. Torna-se, porém, necessário desfazer esse mal-entendido. O colapso da resistência em Goa não se deve de modo algum a esses soldados que, cónscios do seu

Continua na 6.ª página

O Padre Martins Capela**Vai receber a homenagem que merece**

Carvalheira, histórica freguesia de Terras de Bouro, berço do imortal investigador, arqueólogo e escritor, vai prestar-lhe significativa homenagem inaugurando no próximo dia 29 o monumento que perpetuará a sua memória.

Celebra-se meio século sobre a data em que aquele sacerdote fez erguer na dita freguesia o monumento ao Sagrado Coração de Jesus. Isto é um pretexto pois a figura do Padre Martins Capela transcende a realização de um monumento e projecta-se no futuro pelo que foi como escritor e arqueólogo a quem devemos trabalhos notáveis que legaram à posteridade conhecimentos da maior valia.

No dia 29 do corrente vão juntar-se em Carvalheira as autoridades civis do concelho e as figuras mais representativas do distrito, designadamente o Senhor D. Francisco Maria da Silva e o Senhor Governador Civil. De Lisboa, em camionetas, deslocar-se-ão os naturais de

Carvalheira que muito contribuíram para que o monu-

Continua na 5.ª página

ÚLTIMA HORA:**Foi dado o despacho****que manda participar a electrificação das freguesias até Bouro,****QUE CUSTA 2.000 CONTOS**

É verdade. A obra que foi preocupação dominante desse grande presidente dr. Eduardo Gonçalves, vai ser realidade imediatamente.

Foi dado o despacho que manda conceder a participação ao mesmo tempo que a Câmara já foi notificada para fazer o depósito correspondente à colocação dos postes de transformação das cabines de Goães e Bouro.

A Chenop foi avisada de que poderia iniciar a construção da alta tensão e a Câmara foi também avisada para pedir o respectivo empréstimo com que há-de fazer frente à participação.

Voltamos a dizer; estamos perante o Município que maior obra está a realizar no Distrito—servatis servandis.

DONA MORTE!

Por MILITÃO PORTO

O reinado mais consolidado da Humanidade continua permanentemente austero. A rainha absoluta do Ser tem em cada homem um súbdito fiel, traçoeiro, déspota, submisso e entusiasta como lhe convém.

A Medicina, através do Tempo, lha heroicamente para sustentar a marcha veloz de Dona Morte. Mercê de porfia dos esforços, relevantes cerebrações e sábia paciência conseguiu a marcha avassaladora dos exércitos microbianos que nos extinguiriam a Vida e a nivelaram pelos cinquenta anos. Isto diz-nos a Estatística. Mas a soberana

foi substituindo os seus exércitos por outros mais poderosos e instilou no cérebro do Homem uma sede de vingança sem limites. Tão poderosa arma todos os dias faz tombar nos caminhos penosos da existência vidas esperançosas, preciosos elementos do Amanhã, que o futuro confirmaria. E à face da Lei condecoraram-se heróis que nada mais fizeram do que submeterem-se a Dona Morte para aniquilar vidas que não tiveram tempo de os aniquilar...

Dona Morte, contudo, consultados os seus alfarrábios

(Continua na 5.ª página)

TRIBUNA FEMININA

Porque é que

os homens são assim?

O Aníbal é filho único. Foi criado como uma rapariga hoje o não é, como mil e um cuidados e carinhos. Enquanto puderam, os pais evitaram-lhe todas as asperezas da vida, nada lhe recusando. E quando, um dia, o Aníbal foi chamado a cumprir o seu dever de homem válido — a vida militar — houve choros, lamentações, desesperos de parte a parte. Com vinte anos, Aníbal era um garoto, uma criança de 1,70 metros de altura e 75 quilos de peso...

A sua criancice não o impediu, no entanto, de se divertir como gente grande, até que se casou.

Foi viver com os papás, como não podia deixar de ser. E, como é natural, em breve começaram as dissidências entre sogra e nora, porque a primeira, esquecendo

que o filho tinha idade de homem e se encontrava casado, continuou a cuidar dele como de um bebé, pondo a legítima esposa de parte sob o pretexto de que este não sabia fazer as coisas como ele gostava.

Ela, sem poder sofrer a ofensa, conseguiu que o marido alugasse casa só para os dois. Hoje, porém, a infeliz é vítima de má educação do marido, o qual lhe lança em rosto a sua pretensa falta de habilidade e a rebaixa, na presença e na ausência, junto de amigos e conhecidos e, até, às vezes, de desconhecidos e indiferentes.

E a pobre, que tem como única consolação os dois filhos que Deus lhe deu, pergunta frequentes vezes a si própria sem encontrar resposta:

— Mas por que é que os homens são assim?...

EDUCAR UMA CRIANÇA

Educar não significa preparar uma criança para defrontar uma situação padrão. Uma situação criada pelos educadores é da qual a criança terá de se sair conforme uma atitude padrão, criada pelos mesmos educadores.

Assim, ensina-se à criança que devem ajudar um pobre cego a atravessar uma rua. E pergunta-se-lhe: «se vires um ceguinho a tentar atravessar uma rua que fazes?» e o menino deve responder para que o inquiridor fique satisfeito: «pego-lhe no braço e ajudo-o». E se o menino responder a meia dúzia de perguntas no género, «é um bom rapazinho» porque sabe como há-de proceder para proceder bem.

Isto é pouco. Isto não, chega a ser educação. É um treino. É um adestramento.

Educar é preparar para a vida. E a vida apresenta-se a cada um como uma realidade individual. Cada um vive a sua vida e tem de saber vivê-la, porque ela é exclusivamente sua.

Portanto, é preciso formar-se a consciência da criança. Sólidamente, porque na vida há embates duros.

Inteligentemente, porque a vida é uma luta onde os factores imateriais prevalecem na orientação do ser humano. Eduquem-se as nossas crianças em função dum todo que é a vida. Fraccioná-la é apresentar à criança uma realidade deturpada.

O conceito do bem e do mal e consequentemente do que deve e não deve fazer-se, deve ser dado à criança com toda a honestidade. Nada de procurar mascarar as coisas: aumentá-las ou torná-las mais pequenas. Deve sim fazer com que possuam uma consciência esclarecida, capaz de orientá-las num momento de dúvida, num momento imprevisto pelos educadores que baseiam os seus métodos no conhecimento dum pequeno número de regras.

Culinária

Bolachas

450 grs. de açúcar — 115 grs. de manteiga.

2 decilitros e meio de leite — 1 colher (chá) de «baking-powder» — farinha q. b.

Liga-se muito bem o açúcar com a manteiga, juntando depois o leite, o «baking-powder» e a farinha. Estende-se a massa com o rolo, cortam-se as bolachas e levam-se ao forno em tabuleiro polvilhado de farinha.

Bonas

125 grs. de manteiga — 125 grs. de açúcar — 250 grs. de farinha — 2 ovos.

Mistura-se tudo muito bem, amassa-se, estende-se, cortam-

Entre nós, mulheres

A Moda às Avessas

Se a moda de verão «para todos os dias» se nos apresentou equilibrada e muito económica, permitindo-nos tudo quanto havia esquecido pelo menos há cinco anos, no velho baú dos trapos aproveitáveis, em compensação a moda «para férias» safu-nos muito espevitada, muito senhora do seu nariz, revolucionária nos cortes, atoleimada nas guarnições. Vejamos as suas características principais.

A calça comprida deixou de ser afunilada e tomou roda, apresentando-se em quatro variações: «pata de elefante» — muito rodada, como as dos homens no tempo do «charleston»; «marina» ou «marinette», um pouco menos em «godet», mas ainda bem rodada; «guardien», com roda, sim, mas bastante discreta; e ainda uma sem nome e destinada às de mais de 25 anos, que não gostem de se exhibir. Este último modelo é igual às calças de homem, com uma diferença: em toda a perna. O que não se usa «em absoluto», o que não vai poder ver-se, é a ex-adorada «funil». Esta pode, contudo, transformar-se, pois os costureiros sempre se lembram das «económicamente mais débeis», como agora soi dizer-se. Lançaram por isso o novo modelo «odalíscas». Cortam-se as calças funil do ano passado por altura do tornozelo, deitam-se para fora todos os possíveis bocadinhos que estejam metidos nas costuras, faz-se uma bainha estreita, enfia-se um elástico e ajusta-se este à perna logo abaixo do joelho.

A calça fica tufada, realmente com muita semelhança com a das odaliscas dos contos orientais e absolutamente com a roda que é da praxe em 1962. Os tecidos podem ser lisos, às riscas ou de fantasia, estampados. Usam-se estas calças com blusa do mesmo tecido ou diferente, com blusão de malha ou com casado de pano turco. Vêm-se com os modernos suspensórios, com as blusas por dentro do cox ou ainda tapadas até às ancas pelos modernos blusões de... (mais uma novidade) «crochet». Outra «antiguidade» que resuscita é a saia-calça, tão prática para subir às montanhas como para rodar de motocicleta.

Depois da fúria dos fatos

de banho masculinizados até aos «bikinis», a moda inclina-se agora para o desejo de tapar a mulher nas praias e é quase tão exagerada neste seu desejo como o foi no de a destapar. Assim, os costureiros criaram uns vestidos muito simples (com alças e não chagando aos joelhos), uns blusões de corte direto e de maior ou menor fantasia nos tecidos e nos cortes, para usar por cima do agora horrível de ver-se fato de banho. Não há dúvida de que se mudaram para o campo, montanha e praia os tecidos estampados, os folhos e os folhinhos, as golas de corte a jeito, enfim tudo que torna a mulher bem realmente feminina.

Continuação da 5.ª página

«JORNAL FEMININO»

da Mulher para a Mulher
A melhor revista feminina portuguesa

UTILIDADES

MODA
TRICOT
CULINARIA
CINEMA

UTILIDADES
ROMANCE
CONTOS
NOVELAS

«Jornal Feminino», o jornal ideal para a mulher actual
Quer conhecer o seu horóscopo?

Saber o signo a que pertence?

Mme. Sibila dirige esta secção de «Jornal Feminino», fornecendo horóscopos em particular.

Envia-nos uma reportagem sobre a sua terra, acompanhada de fotografia, o máximo três. O melhor trabalho será publicado com remuneração devida.

Se for assinante do «Jornal Feminino» terá direito de ver publicadas as fotos de seus filhos e assim como, fotografias de aniversário e casamento.

Concorra ao 11.º grande Concurso de Bordados e Crochet e Tricot, prémios de 2.000\$00 e outros em dinheiro e utensílios. As condições deste concurso vem publicadas em «Jornal Feminino» que está à venda em todos os pontos do País.

JORNAL FEMININO

A revista portuguesa de maior expansão
Leia e Compre e assine esta revista

DE 15 EM 15 DIAS

Tenha Jornal Feminino no seu lar.

Redacção, administração e publicidade:

R. D. João IV — 904 Telef. 30796 — PORTO

Uma revista feminina que todos gostam de ler

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA do CONCELHO

Dr. Eduardo Gonçalves

Continuação da 1.ª página

construção), 160 contos; estrada de Caires (em construção) 200 contos; estrada de Paranhos 1.430 contos (em construção); cemitério de Paredes Secas, 67 contos, construído.

Tudo isto e ainda as pequenas obras que somam importantes quantias, juntas às obras de que se aguarda a comparticipação do Estado, no valor de cerca de 3.000 contos por si pedidas, e entre as quais se contam o complemento da electrificação do concelho e a construção de estradas para freguesias que ainda as não possuem, comparado com os tais 7 contos que as camaras anteriores só conseguiram receber do Estado nos últimos dez anos, é o indicativo seguro da sua obra e do seu amor ao Concelho.

A noticia provocou um abalo em todas as pessoas que sem paixões conheciam o homem e a sua obra incomparável, a sua honestidade e a sua grandeza de alma, os seus arreigados princípios de nacionalista, a sua honrabilidade politica e moral. O concelho que sempre teve a sua alta figura presente nos seus momentos difíceis e gloriosos, vê com pesar o seu afastamento. Sentiram-no também os pobres e infelizes que nele sempre encontraram

auxílio e amizade.

Incapaz de traír fosse quem fosse; incapaz de ferir por despeito como tantos; incapaz de difamar, perseguir, e prejudicar intencionalmente, como outros, ele soube ser o político sério, igual a si mesmo e em cuja palavra dada se podia confiar, em todas as circunstâncias e vicissitudes.

Nunca foi bajulador. Estimado por todo o concelho éle mantinha relações com todas as camadas sociais, não obstante os ataques injustificados e nojentos de que foi vítima, outrora bem explorada, dos párias do concelho a quem só a decrepitude, os cabelos brancos e as suas más acções dão testemunho do desgaste inglório duma vida, ou crédito para assento em lugares que deviam ser ocupados por novos já com provas dadas, pois a sua vida é um vácuo.

A figura inconfundível do Senhor Dr. Eduardo Gonçalves, e a sua obra, ficam a atestar para as futuras gerações a passagem pela vida política e administrativa do Concelho do maior homem que até hoje o serviu.

Que o seu exemplo frutifique e que a sua obra, a sua abnegação e o seu sacrificio pelo bem comum fiquem como mandamento para os que se lhe não-de seguir.

Dias de Abstinência e Jejum em Portugal

Colocar em 1962 na cozinha

Para os que tomaram as Bulas

(10 abst., 1 jejum, 2 jejuns com abst.)

Mês	Dias	Abstinência	Jejum
Março	7—Quarta-feira de cinzas	Jejum	Abstinência
	9, 16, 23, 30—Sextas-feiras da Quaresma	>	>
Abril	6, 13—Sextas-feiras da Quaresma	Jejum com abst.	>
	20—Sexta-feira Santa	Abstinência	>
Junho	15—Sexta-feira de Têmporas	>	>
Setembro	21—Sexta-feira de Têmporas	>	>
Dezembro	7—Vigília da Inac. Conc.	Jejum com abst.	Abstinência
	14, 21—Sextas-feiras do Advento	>	>

Para os que não tomaram as Bulas

(41 abst., 24 jejuns com abst.)

Mês	Dias	Abstinência	Jejum
Março	Todas as Sextas-feiras do ano	Abstinência	>
	7—Quarta-feira de Cinzas	Jejum com abst.	Jejum
	Os restantes dias (excepto aos domingos)	Jejum	>
	As restantes Sextas e Sábados	Jejum com abst.	>
Abril	14—Quarta-feira de Têmporas	>	>
	Todos os dias até 22 (excepto aos domingos)	Jejum	Jejum com abst.
Junho	Todas as Sextas-feiras e Sábados até 22	>	>
	9—Vigília de Pentecostes	>	>
Setembro	13, 15, 16—Têmporas	>	>
	19, 21, 22—Têmporas	>	>
Outubro	31—Vigília de todos os Santos	>	>
	7—Vigília da Imaculada Conceição	>	>
Dezembro	19, 21, 22—Têmporas	>	>

N. B.—Jejum—é tomar uma só refeição principal ao dia com duas pequenas: numa umas 62 gramas de alimento, e noutra umas 250 gramas. Começa aos 21 anos completos e termina aos 60 começados.

Abstinência—é não comer carne nem caldo de carne. Começa aos 7 anos completos e termina com a morte.

O jejum e abstinência—quando cai num domingo ou dia Santo, fora da Quaresma, não se guarda.

CAIRES

Falecimento

No lugar dos Rios, faleceu no passado Sábado a Senhora Olivia Maria da Silva, viúva, de 84 anos de idade, saudosa mãe do Sr. Manuel José da Costa, nosso digno distribuidor dos Correios. Teve uma morte de uma Santa, confortada com todos os Sacramentos e cheia de acrisoladas virtudes cristãs. O seu funeral na passada segunda-feira foi muito concorrido, com duas missas de corpo presente, e outras duas, hontem, sexta-feira, dia do 7.º dia. Paz á sua bela alma e sentidas condolências a toda a sua numerosa familia. Pedimos aos nossos queridos leitores, uma prece pelo seu eterno descanso. Luz e Paz.

Casamentos

Há dias realizaram-se em a nossa Igreja Matriz, o casamento do Senhor Carlos Soares (viúvo) com a Senhora Maria Alice da Silva, bem como o casamento do Sr. Adelino Augusto Silva Cunha com a gentil menina Custódia Maria Correia da Silva, ambos do lugar do Outeiro, e honestíssimos caseiros de terras da Casa do Padrão, da familia Antunes, desta freguesia.

Nada faltou, e tuda correu bem, uma maravilha na Igreja e em Casa onde os seus pais ofereceram um lauto festim de bôdas a todos os convidados que foram muitos e houve brindes de festiva congratulação. Aos noivos, dorados de ópti-

mas qualidades, desejamos um lar feliz e venturoso.

Também na passada 5.ª feira, (dia 21) na Igreja do Campo Grande, da cidade de Lisboa, realizou o seu auspicioso enlace matrimonial, a prendada e gentil menina Maria de Fátima de Almeida Borges, hábil e diplomata enfermeira dos Hospitais da Capital, com um alto funcionário dos Bancos Nacionais Metropolitanos, de Lisboa. Apetecemos-lhes as maiores venturas e felicidades.

Corpo de Deus

A Confraria do Senhor, de Caires, a mais antiga do Concelho, realizou na passada Quinta-feira, do corpo de Deus, a sua festa tradicional e estatutária que decorreu com muita fé e piedade eucarística. Parabéns.

S. Luiz Gonzaga

Foi solenizado e festejado no seu dia próprio (dia 21) este glorioso Santo, pelos seus onomásticos: Luiz Gonzaga da Silva, Luiz Gonzaga Fernandes, Luiz de Sousa, aos quais também se associou o nosso querido, simpático e conterrâneo Sr. P.º Luiz que se congratulou com a festa jubilosa.

Palestra eclesiástica

Na passada 4.ª feira realizou-se em Amares a palestra mensal do clero do Arciprestado, sendo o relator o Rev. Padre João de Deus Antunes Martins, mui estimado, pároco de Vilela e Paredes Secas, que foi ouvido com muito agrado e eficiências.

Aniversários Natalícios

No passado dia 17, festejou os seus anos, com júbilo, o Sr. Joaquim António Pereira, da Casa da Peneda, desta freguesia, ausente no Brasil, e amanhã, Domingo, dia 24, o nosso marinheiro João Batista Vieira, e a distinta Senhora D.ª Maria da Graça da Silva Almeida, esposa muito querida do nosso conterrâneo e amigo António Secundino Antunes de Almeida, que vindos da Africa (Luanda) estão entre nós, e no Requeixo, em gozo de bem merecidas férias. Paz e Bem, e Guerra aos terroristas.

C.

O DIGO E O ÉLE DIZ...

O bom Democrito ria
Do que a nós nos causa dôr...

Era uma terra tão linda
Cheia de sol e de flores,
De frutos lampos e ainda
Cheia de castos amores!

Mil e tantos habitantes,
Da freguesia o escol,
Nada tendo de rompantes
Lidavam de sol a sol.

Assistiam sempre á missa
Como sinceros cristãos;
Para a porca da cobiça
Nunca estendiam as mãos.

Não tinha alma raquítica,
Tinham-na grande e leal;
E nunca a imunda política
Lhes transformou o moral.

A palavra que êles dessem
Era palavra sagrada,
Mesmo que á força os troxessem
Não se vergavam a nada.

Era assim a nossa terra
Imensamente feliz,
Quando rebentou a guerra
Entre «DIGO E ÉLE DIZ».

Desde então que reboiço!
Que chinfrinice infernal!...
Trazem todos no toutiço
Um disco de dizer mal!

Mordem a torto e a direito
Quer tenham dentes ou não...
Depois vão bater no peito
Sem nenhuma contrição.

Acabem com essas brigas
Mirando-se a um espelho;
Metam no saco as intrigas
Para bem cá do Concelho.

Trabalhem, sem retrocesso,
Desde Bouro até ao Bico
Eia, sus! pelo progresso!...
.....
E por hoje aqui me fico.

UERBA

Visado pela C. de Censura

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

Quem pergunta... quer saber

(Continuação da 1.ª página)

pois, ter resposta. Resposta pronta esclarecedora. E não apenas obedecendo a um princípio deontológico e cívico, mas até por um imperativo de consciência, de dignidade e, não raro, de humanitarismo.

Intelizmente, tal não acontece. E porquê? Porque ficam tantas cartas desprezadas no «negro vaso do esquecimento».

Eis alguns dos mais frequentes motivos:

O destinatário é senhor de alta posição social ou desempenha funções de relevo na Administração Pública? O endereçante é pessoa humilde, indefesa, sem nada que o recomende ou o distinga?

— O grande senhor olha do seu pedestal dourado, passa os olhos, enfasiado, pelas letras da epístola, boceja, encolhe os ombros e... passa adiante.

— O destinatário alcandorou-se, por artes mágicas, às culminâncias do mando, sem possuir, talvez o cabedal de ciência necessário para redigir uma resposta sem erros?

— Prudentemente ele ignora tudo o que possa concorrer para levantar o véu que esconde a sua inépcia e limita-se a assinar os documentos que, rotineiramente, lhe vão apresentando os subordinados.

O destinatário não está suficientemente habilitado para emitir uma resposta conveniente ou satisfatória?

— O orgulho não lhe tolera confessar ao rogante, com franqueza e lealdade, a impossibilidade de esclarecer ou aconselhar.

O destinatário é inquirido sobre os porquês de determinadas atitudes; é cortezmente advertido sobre os inconvenientes de certa política; é aconselhado a mudar o rumo de algumas directrizes julgadas menos próprias, abusivas, injustas ou, até, reprováveis; é informado de escândalos, atentados contra a moral pública, desvios na recta conduta, etc., etc., cuja responsabilidade — indirectamente embora — lhe poderá ser atribuída?

— Se o signatário da carta não tem razão, receberá pronta resposta, minuciosa, bem adjectiva, prene de informações até aos mais remotos pormenores. Mas se a razão está do lado do remetente, nada de responder-lhe. Arquive-se a carta. O caso morrerá lentamente... por falta de ar.

O destinatário não pode furtar-se a uma resposta, dado que o endereçante não se calará facilmente ou é pessoa que, pela sua projecção moral ou social poderá fazer insinuações comprometedoras?

— Redigem-se, então, duas linhas de doutrina dúbia, acomodaticia, bem emoldurada por largos cumprimentos e protestos de uma consideração ilimitada.

Etc. etc.

Ora... parece-nos que isto não está certo.

Qualquer carta deve ter, por parte do destinatário, mórmen-

te se ele é pessoa ou entidade qualificada, uma resposta quanto possível imediata, esclarecida, orientadora, isenta de ambages e de sentimentos dúbios.

Assim se evitariam prejuízos — quantas vezes irreparáveis! — na fazenda, na saúde, na honra e no prestígio de tantos cidadãos e colectividades.

Hajá boa vontade em servir o nosso semelhante; não se lhe negue o quinhão de justiça a que tem direito; não se iluda a sua esperança com o vil silêncio do esquecimento.

Responda-se a todas as cartas, porque se alguém nos pergunta é porque deseja saber, e se algo nos implora, é porque necessita de auxílio.

Benjamins

Quem somos? As Benjamins
Vindas da Santa Cruzada;
E continuamos lutando
Pela Fé a Cristo jurada.

O nosso vestido é branco
Tão branco como o ideal...
Como eram brancas, nas naus,
As velas de Portugal.

Nossos lenços são vermelhos
Como o sangue português,
Generoso, derramado
Em Ceuta, Arzila e em Fez.

Sangue dos nossos avós
Escaldando nossas veias,
Com ele fecundaremos
Cidades, vilas e aldeias.

A nossa guerra é o Amor
E o nosso amor é o perdão;
A nossa espada é a Cruz
E o nosso escudo Oração.

Quadras

Saudades, mas que saudades
Eu tenho do que há-de vir!...
Porque o passado passou
Como o presente, a mentir.

E para mim o passado,
Nas terras por onde andei,
Foi sempre um jugo pesado
Que humilhado suportei.

E no presente só vejo
O que herdamos do passado,
— Uma canção sensual
Ou um gemido do Fado. —

O futuro, ó criancinhas,
Estou a vê-lo daqui...
Na radiosa Esperança
Que em vossos lábios sorri.

O passado e o presente
Já me não podem sorrir,
Por isso eu tenho saudades
De não sei quê que há-de vir.

Continuação da 2.ª página

me leva uma tigela de nata. Mistura-se tudo muito bem e põe-se uma vasilha, no frigorífico, para gelar. Entretanto tem-se algumas cerejas cristalizadas a macetar em rum. Na ocasião de servir enchem-se as taças com o creme e enfeitam-se com as cerejas.

Põem-se rodela de ananás a macerar em açúcar; faz-se um pouco de «chantilly» e metem-se as duas coisas no frigorífico. Na altura de se servir, colocam-se em cada taça três rodela de ananás sobre as quais se deitam montinhos de «chantilly» com tirinhas de ananás.

Continuação da 2.ª página

Quanto às blusas, podem ser confeccionadas em tecido, mas as que batem o record são as de malha, não de «tricot», com duas agulhas, mas de «chochet». Algumas são em pontos de fantasia. A maior, porém, é feita naquele simplíssimo ponto de tecer, sem volta, em todas as malhas, isto do direito e do avesso». São bastante compridas e, enquanto umas tem uma franja a rematar, outras (em branco ou em creme) levam duas barras de cor contrastante, ou na linha das ancas, ou rematando o decote e a cava dos braços, ou, ainda, horizontalmente (e neste caso as barras são mais largas) no cimo da blusa, de ombro a ombro. Há as tecidas em «pied-de-poule» de algodão de duas cores e ainda as que são de uma cor dos ombros à linha do peito e de outra bem contrastante da linha do peito até à anca. A junção das cores mais «à la page» é: verde-azul; azul-vermelho e preto-e-branco.

Se a elegante 1962 pode andar na cidade sem chapéu, é certo que não vai para férias sem ele. Usam-se grandes, enomes, com grandes franjas tapando os olhos, mas também se vêem os muito pequenos (género «cofió») postos no alto da cabeça. Usam-se os que copiam os chapeirões dos pescadores do bacalhau — grandes abas levantadas à frente e caídas atrás — mas também se vêem os que ape-

A India Portuguesa

(Continuação da 5.ª página)

interesses de Portugal, que era, afinal, a sua pátria.

Para consolidar e defender a posse de Goa, Afonso de Albuquerque ficou na cidade o resto do ano de 1510, mas uma vez que a julgou segura, retomou as suas lides guerreiras e de conquista, sem perda de tempo, para consumir o seu vasto e grandioso plano.

Logo no principio do ano seguinte fez-se ao mar e meses depois desembarcou na Ilha de Ceilão, a Ilha de pedras preciosas, pérolas e a grande produtora de canela (que é a casc da caneleira) e volvidos mais alguns meses chegava a Malaca que já ficava — e fica no extremo Oriente.

Malaca, que fica no extremo da Indo-China foi tomada e dali para o futuro foi o grande centro comercial, onde se procedia às trocas dos produtos originários da China Ocidental, das Molucas e do extremo oriente.

Dali em diante todos esses valiosos produtos eram transportados, nos nossos navios para Goa e daquela capital do império para o Reino — o que representava uma apreciável riqueza para a Metrópole.

(Continua no próximo número)

nas têm aba e ausência completa de copa — muito bom para deixarem secar os cabelos, depois do banho. Há o chapéu «de plantador» — de palha e com as abas levantadas a deixar torrar o rosto — mas também há o chapéu «à la Marlène» — de copa minúscula e grandes abas caídas a tapar um ou os dois olhos. Palha, «paillasson» de linho branco ou de cor celeste pospontado, piqué, plástico e até papel (compram-se rolos de papel frizado na cor desejada, cortam-se tiras mais ou menos largas, entrançam-se e cosem-se, armando o chapéu) são os principais materiais com que se confecciona o nosso modelo de férias. É curioso notar que, se nas ruas da cidade se vêem muitas, muitíssimas senhoras em cabelo ou com um despretenhoso lenço, nas pequenas vilas ou aldeias da província o uso do chapéu vai sempre de rigor. Isto talvez nos indique que a moda da próxima estação vai dar-nos uma mulher branca e pálida. As cores preferidas para estes chapelinhos (em alguns casos verdadeiros chapeirões) são o vermelho, o verde, o branco e o azul ultramarino, com (pese isso aos lançadores da moda) que se vê, por toda a parte, mais do que o pêssegão ou do que o verde (ex-se-loio).

Num ano em que o estilo para a cidade é o camiseiro simples e despretenhoso com sua carreira de botões na frente e golinha simplória a moda das férias quer dar às senhoras a feminilidade que ela nunca deve perder. Isto, embora nos parecesse (a mim e à minha leitora) que o modelo simples devia ser o de férias e o rebuscado o que usaríamos na cidade. Mas quem somos nós, minha Senhora, para ter opiniões contrárias aos grandes senhores que ditam a Moda para todo o mundo e nos levam, mais ou menos a todas nós, presas pelo nariz? ANI

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião — ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco — ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião — ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco — ano	80\$00
Semestre	40\$00
Estrangeiro	
Avião — ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco — ano	80\$00
Semestre	40\$00

Leia, Assine
Publique na
«Tribuna Livre»

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

nos prim.ros Domingos dos meses, e todas as mais que se dizem por conta da freg.a e por intençam dos fregueses, e em tudo e nas mais couzas se observará o costume antigo; e p.a acompanhar os defuntos levará o Mordomo dez velas que arderam pelo caminho tanto a rico como a pobres; e pellos sobred.tos Reis daram os dons Procuradores conta a juiz da Igr.a de todo o rendim.to que ouverem das citas confrarias com entrega, e estas contas se tomaram em Libro particular que nao sayu da freg.a, e a ellas assistiram todos os officiais acima declarados e os seis das fallas, às quaes presiará o Rev.do Abb.e querendo para o que será avizado do dia dellas, observando em tudo o mais os estatutos da freg.a; e por assim ser verdade rogaram a mim o Padre Faustino Gonçalves Pimenta desta freg.a que este lhe fizesse, e como testemunha assinasse, o que eu a Rogo dos sobred.tos o fiz no mesmo dia, mês e anno atras declarado que aqui assinaram todos com o Rev.do Abb.e Miguel Borges P.ra, eu o Padre Faustino Gonçalves Pimenta que o escrevi.

— O Abb.e Miguel Borges Pereira — Caetano de Freitas — Domingos João — etc.

Mais uma noticia constante dos anais da fre.a —
Aos quatro de Outubro do anno de 1845 comprou em satisfação de hum voto q. tinha feito o Padre Miguel do Espirito Santo do lugar de Seramil desta freg.a de S. Paio de Seramil (foi da casa do Bento, assim chamada porque um de seus anteriores proprietários era Bento da Silva) hum orgão ao P.e Joao Joaq.im da S.a encomendado de S. Thiago de Villela, com consentimentos dos mais da freg.a que serviram de testemunhas, a mesma compra por preço, e quantia de 15.000 rs. — este voto herá para o SS.mo S.to desta freg.a de S. Paio de Seramil e hoje se está de posse delle, o q. se promete guardar e zellar como couza propria desta Igreja em veneração do Santissimo, e o mesmo vovente (que fez voto) se assigna no mesmo livro dos uzos desta freg.a *ad perpetuam rei memoriam* hoje 15 de Outubro de 1845 — O Abb.e desta freg.a de S. Paio de Seramil — Miguel António Pereira — O P.e Miguel do Espirito Santo

* * *

Se as pedras da torre da igreja falassem, muito teriam de dizer sobre uma renhida questão que houve com um pedreiro galego, para a sua construção.

Deixa-o entender, porém, uma velha escritura que veio às mãos do autor destas linhas, entre outros papeis de família, e aqui se reproduz!

Em nome de Deos amen Saibão quantos este publico instrumento de escritura de cantratto ou como em dyreito melhor nome tenha e haja lugar e mais valiosa dizer se possa virem que sendo no anno do Nascimento de nosso Senhor Jesus Christo de mil e sette centos e noventa annos, aos trinta dias do mez de mayo do dito anno em este lugar do Assento freguesia de São Payo de Seramil deste concelho de Santa Martta de Bouro, ahi aonde eu tabalião estava e fui vindo e ahi perante mim publico tabalião e das testemunhas ao diante nomeadas e no fim deste publico instrumento assignadas apparecerão presentes outorgantes, e acceptantes a saber de huma parte outorgantes Francisco Gonçalves Pimenta do lugar de Crujeira juiz do Subsino desta freguesia, e Bento da Silva do lugar de Seramil procurador e seis homens de fallas João Manoel Dias do lugar de Seramil, e Antonio Gonçalves do mesmo lugar de Seramil, e Domingos da Silva do lugar de Urjal, e Francisco da Silva da Fonte de Sima do lugar de Crujeira, e Bento Ribeiro do lugar do Bacelo, e Faustino Jose de Sousa do lugar do Assento, e todos desta freguesia de São Payo de Seramil, e deste concelho, e de outra outorgante Jose de pintos morador no lugar do Passo da freguesia e couto de Souto termo do concelho de Terras de Bouro, natural da freguesia de... do Reino de Galiza mestre pedreyro, huns e outro outro sim reconhecidos de mim publico tabalião e das testemunhas ao diante nomeadas e no fim deste publico instrumento assignadas do que dou minha fe, e por elles ditos outorgantes juiz do Subsino, procurador e homens de fallas, e o ditto mestre pedreyro Jose de pintas foy mutuamente ditto e dicerão cada hum de por si *in solidum* que elles se havião justos e contratados com elle dilo mestre pedreyro delle lhe fazer huma torre com coatro sineiras para nella porem os sinos conforme a planta que para isso mandarão fazer, e neste acto se apresentou, cujo risco hade ficar na mão do mestre pedreyro e por

(Continua no próximo número)

Dona Morte!

(Continuação da 1.ª página)

pôde verificar que até os Estados mais democráticos do mundo, mais civilizados, como se intitulam mandam matar à face da Lei, muitas das vezes os próprios heróis por eles condecorados por feito idêntico: matar! Por isso o reinado de Dona Morte continua infrene sob a égide perfeita da modernização dos seus exércitos, já antiquados, para sustentar a vitória contra a Vida. E é dessa modernização que têm saído ultimamente uma série de atentados, de redobrada violência contra o Ser que tanto aspira a Vida, em haustos de esperança e de um provir que afinal nunca chega.

É que Dona Morte continua a reinar exuberantemente sobre este tablado de atribulações e angustias e reinará até o fim dos séculos dos séculos, na sua fatalidade ingastável.

O Padre Martins Capela

(Continuação da 1.ª página)

mento fosse uma realidade. A todos os que contribuíram e ao reverendo Padre da freguesia a comissão endereça o seu profundo agradecimento.

É oportuno agora que a inauguração se faz, exaltar a figura do Padre local e da comissão que é constituída pelos senhores:

Manuel José de Carvalho
Paulo Manuel Dias
Hermenegildo Ribeiro
Manuel José Corais
Lino Manuel Alves Machado
José Canêdas

Para comemorar a inauguração foram publicados os seguintes versos:

Ao P.e Martins Capela
Vamos nós todos honrar
Com certeza, sua alma
Está no Céu a descançar.

Ao P.e Martins Capela,
Esta estátua se ergueu
Foi por meio de ofertas
Que cada um concorreu.

Foi pela vez primeira
A estátua se ergueu
Ao bondoso sacerdote
O nosso povo ofereceu.

Ao P.e Martins Capela,
Vamos todos exaltar,
Com certeza as suas obras
Ficarão a relembrar.

Foi dia de S. Pedro,
A estátua a inaugurar,
Ao P.e Martins Capela
Vamos um Pai Nosso rezar

O P.e quando é santo
Recorda sempre o altar
Mas se além disso é sábio
Temos de o exaltar.

Côro

Em Carvalheira nasceu

XX

A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

Continuação do número anterior

O Vice-Rei, no auge da sua fúria e no compreensível desespero em que se encontrava, não conseguira enquadrar os seus homens para a reconquista da cidade—pois esses guerreiros não compreendiam o que significava tomarem uma cidade sem terem a liberdade de a saquearem.

Mas o infatigável e incomparável guerreiro não descansou enquanto não se apoderou novamente de Goa, o que conseguiu três meses depois, mas dessa vez os soldados não se recusaram ao combate com o fundado receio do seu Comandante em Chefe, que lhes impôs uma disciplina férrea e, por vezes, desafiada.

Como represália pela revolta de Sipahdar, a quem os portugueses apelidavam de «sábio», Afonso de Albuquerque ordenou um morticínio que abrangeu mais de seis mil mouros, de ambos os sexos, e de todas as idades, e os que se refugiaram na «Mesquita» por ali se julgarem seguros nem no tempo escaparam, pois o indomável guerreiro mandou-lhe lançar togo e os amedrontados mouros foram queimadas vivos.

Afonso de Albuquerque só queria dentro dos muros da cidade de Goa os gentios para facilmente pôr em prática o seu plano que consistia em organizar novas famílias por meio de casamentos entre europeus e mulheres hindús.

Quando os portugueses se apaixonavam por nativos, o Vice-Rei apadrinhava esses casamentos, oferecendo a cada noiva vestidos e jóias e aos noivos uma casa, terras, alfaias agrícolas, sementes e gado para os novos casais se fixarem à terra e ali terem a sua prole que consubstanciava a futura e natural defesa do grande Império que o genial governador com tanto amor e dedicação ia levando a bom termo.

Apesar da sua crueldade na guerra, Afonso de Albuquerque, como político, era compreensivo e bom e chamava às recém-casadas suas filhas e aos maridos seus genros.

O grande Vice-Rei estava esperançado que as gerações oriundas desses casamentos, por serem naturais da Índia—mestiços—defendessem os altos

(Continua na 4.ª página)



Padre Martins Capela

ENTRE O OCEANO E O COLOSSO INDIANO

(Continuação da 1.ª página)

dever, se mantiveram firmes nos seus postos, aguardando ordens de combate. Na impossibilidade de elaborarem um plano defensivo, e encurralados entre o Oceano Indico e o poderoso exército inimigo, o único caminho aberto era o da retirada. Mas o heroísmo português destacou-se onde foi mais forte o estímulo para a luta ou houve uma estratégia defensiva. Evidenciou-se em Damão, em Diu e naquele pequeno reducto português — o aviso «Afonso de Albuquerque» — onde se afirmaram mais uma vez o arrojo e o pundonor que fizeram grande o Portugal de Quinhentos.

Sozinho, sem apoio do lado da terra nem do ar, o aviso «Afonso de Albuquerque» entrou em combate com quatro cruzadores indianos e com as esquadilhas aéreas de protecção dessa frota, defendendo até o extremo das suas possibilidades a entrada do porto de Mormugão e o prestígio da Marinha portuguesa.

O tiroteio entre o aviso e os navios de guerra indianos ouviu-se por mais de três horas. Enfrentando forças numericamente esmagadoras, o aviso português, ainda depois de atingido e já com o seu comandante, Cunha de Aragão, gravemente ferido, continuou a vomitar fogo contra as unidades inimigas, até as suas peças serem silenciadas pelo couraçado «Mysore», mas só depois de ter abatido dois aviões e de inutilizar um navio de guerra indiano e atingir outro.

Quando tudo estava já perdido e o aviso tivera de ser abandonado, as unidades indianas continuavam ainda a martelá-lo. E lá ficou o «Afon-

so de Albuquerque», vencido sim, mas nunca rendido. A bandeira verde-rubra continuou a flutuar no seu mastro, testemunhando orgulhosamente a defesa heróica de um punhado de marinheiros portugueses.

Não passou despercebido este magnífico episódio ao inimigo, que mais tarde felicitou o comandante do aviso português pela sua tenaz resistência em luta tão desigual. Na guerra, há heroísmos, com efeito, que se impõem até mesmo ao respeito do adversário.

Entretanto, em Damão, os portugueses (incluindo os metropolitanos e os naturais) e tanto os do Exército como os da Polícia, num total de 500 homens uns e outros, comandados pelo major António José da Costa Pinto, Governador do Distrito, opunham também vigorosa resistência, com a qual durante 36 horas sustiveram os cerrados ataques do inimigo.

Firmes nos seus postos, os defensores dizimaram uma após outra as levadas de soldados indianos que se lançavam contra aquele minúsculo território, numa luta sem tréguas. Quando os postos foram bombardeados, os defensores passaram para trincheiras, já anteriormente escavadas, de onde continuaram o tiroteio. Segundo testemunhas oculares, os cadáveres dos soldados indianos eram transportados em montões, por camiões de carga.

Ao mesmo tempo, aviões indianos voavam baixo sobre as trincheiras, abrindo fogo da metralha contra os portugueses, que se esquivavam, mudando frequentemente de sítio, como se jogassem uma partida com a morte.

Durante todo o dia de 18 e parte da manhã seguinte, forças aéreas indianas atacaram Damão de duas em duas horas, durante cada bombardeamento de 30 a 40 minutos.

Impacientes com aquela inesperada defesa, o inimigo recorreu depois à destruição dos edifícios e objectivos não-militares. Pela tarde do dia 18, bombardearam os indianos o mercado, e pela manhã do dia seguinte prosseguiram com os seus ataques à cidade, ameaçando arrazá-la. Soube-se posteriormente que planeavam lançar uma bomba de 4.000 libras de peso, a fim de esmagar a estoica resistência daquela praça portuguesa e do seu heróico povo.

Um comandante indiano confessou mais tarde que havia perdido em Damão os seus melhores soldados e oficiais. Mas a mais significativa homenagem prestada à memorável defesa daquele distrito consentiu sem dúvida na lápida que os indianos colocaram em Damão Pequeno, com a seguinte inscrição, em inglês:

«O major António José da Costa Pinto, Governador português de Damão, rendeu-se ao tenente-coronel S. J. S. Bhonsule, oficial comandante do décimo batalhão de Infantaria Ligeira Maratha (Jangi Paltan) em 19 de Dezembro de 1961 às 08,30 horas, depois de 36 horas de uma luta encarniçada».

Outra placa, também colocada pelos indianos em Damão Grande, assinala que o «domínio português de 450 anos sobre Damão terminou depois de uma luta heróica e cruel».

Também no distrito de Diu, que não era mais do que um pequeno e vetusto forte numa

A MÁSCARA

Quantas vezes se ri para esconder
Uma máguia qualquer no coração,
Que lá nasceu e lá anda a doer
Como pungente espinho ou agulhão!

Para quê desnuda-la á compaixão
De quem jámais a há-de compreender?
Sorria pois o rosto já que o não
Pode no peito o coração fazer.

Quando tão alto está o ideal,
Que só os olhos d'alma podem ver
A sua fora branca, escultural,

Na certeza de nunca o atingir,
Tem de deixar o coração gemer,
Mas obrigar a máscara a sorrir.

UERBA

REQUIESCAT IN PACE!

Veio aos meus braços a morte buscar-te
E por tanto amar-te caí desolado!...
Já não sei que tempo fria te senti,
Nem sei se vivi ou sonhei, amado...

Quando despertei da minha dor imensa
Estavas suspensa das mãos do cozeiro.
Chamei-te; e o pranto de todos os olhos
Semeou abrolhos no meu-teu canteiro!

Mais tarde o luar veio lá tecer
Em rendas a arder o teu grande amor;
Quem ali entrasse viria gravada
Numa cruz doirada toda a minha dor...

Veio um passarinho com o seu gorgeio
E então amei-o p'ra te vir cantar!
Cantou tanto, tanto, que lhe vi as penas
Feitas açucenas a subir p'ró ar!

Eram brancas, brancas, essas açucenas,
Branças e amenas feitas de epicédios.
Quem no ar as visse logo sentiria
Que alguém morria no horror dos tédios!

Cícero Dias

pequena ilha, um reduzido número de portugueses, sob o comando do seu Governador, o major Almeida de Vasconcelos, resistiu às primeiras arremetidas dos indianos. Mas os contínuos bombardeamentos aéreos numa área tão pequena não permitiram uma defesa prolongada.

As poderosas forças indianas estavam preparadas e equipadas para, embora a custo de pesadas baixas, esmagar toda a resistência que se opusesse à rápida conquista daquelas parcelas da Nação portuguesa — que portuguesas já eram séculos antes de existir a União Indiana.

Nobiliarquia Regional

João Lourenço Campelo, senhor da quinta da Quelha de S. João de Ovil, em Baião, por uma morte que fez, com seu filho Pedro Anes, cónego da igreja de Lamas, onde jaz, veio para Braga. Este cónego foi secretário do arcebispo D. Jorge da Costa.

Seu irmão — **Diogo Anes Campelo** casou duas vezes, a 1.ª com Isabel Alves **Borges** e assim estabeleceu vasta sucessão em Braga.

Desta geração e apelido, um tal **Manuel Campelo** deixou boa fama de artista em quadros filiados na escola romana e que foram objecto de grande admiração.

Mas o que aqui há de coincidente e interessante é o paralelo da linhagem atrás descrito na petição de escudo de armas de **Manuel António Ferreira Campelo** e outra carta já referida no 1.º vol. de «Entre-Homem e Cávado» a pag. 184, pertinente a um dos antigos senhores do solar de S.to António de Vinhadouro, em Besteiros, ou fosse, **António Fernandes da Silva**, como aqui se repete parcialmente:

Bisneto de João Ferreira e de sua mulher Joana da Silva, e esta filha legítima de Domingos Pinheiro e de sua mulher Maria da Silva, q. foy filha de Gaspar da Silva e de sua m.er Catherina Gonçalves da freguesia da Torre o qual Gaspar da Silva foy filho de Francisco Afonso e de sua m.er Ignacia da Silva moradores na dita freg.a da Torre, e a dita Ignacia da Silva foy filha de Tristão Foyo da Cunha e de sua m.er Constancia Ferras filha de Gaspar da Silva Cavalheyro Fidalgo de

mina caza... e de sua m.er D. Izabel..... neto materno de Antonio Vaz de Carvalho e de Maria da Silva, filha de João Ferreira e de Joana da Silva que era filha de Domingos Pinheiro e de Maria da Silva, filha de Gaspar da Silva e de Catarina Gonçalves, neta de Francisco Afonso e de Inacia da Silva, filha de Tristão Feio da Cunha e de Constancia Ferraz que foi filha de Gaspar da Silva escudeiro da Casa Real.....

Bouro também foi apelido de família, que se julga ter começado em **António de Bouro**. Seu filho e descendentes achavam-se estabelecidos em Braga, freguesia de S. João do Souto, desde António Rz. Bouro, luveiro ou ataqueiro, pelo tempo de D. Diogo de Sousa.

Entre 1499-1528, era senhor da Quinta do Sol, no concelho de Vila-Verde, Duarte Gil Bouro de Abreu. Casou com Isabel Toscano Raposo, e também viveu em Braga.

Também consta que Entre-Homem e Cávado tivera origem os **Velosos de Amarante**, assim:

Quando o Cardeal D. Henrique fez a sua tão cébre como discutida visita a Castro de Carracedo em tempo de D. Manuel Machado de Azevedo, cunhado de Sá de Miranda, teria vindo, como secretário do Cardeal, Sebastião Afonso vigário de Fregim, figura muito prendada e distinta, por quem se apaixonara D. Margarida Veloso que, como seu irmão Veloso, se julga terem sido filhos de Gonçalo Machado ou Diogo Machado, irmãos naturais do senhor de Entre-Homem e Cávado, e pela razão desse parentesco a dita D. Margarida vivia em Castro.

Fugindo com o referido Sebastião Afonso, meteu-se na quinta da Cidreira da freguesia de Fregim e aí viveu com tanto segredo e cautela, que ninguém suspeitou, durante muitos anos, do seu paradeiro.

Por isso seu irmão, Paio Veloso, ferido de despeito pelo rapto da irmã, foi perseguido e acusado da morte de um fidalgo seu vizinho que julgara ser quem lha furtara.

(CONTINUA)

**Deseja trabalhos tipográficos com perfeição
Dirija-se à Modelar Amarelo**